

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *Apetece(s)-me*

Autora: Laura Almeida Azevedo

Revisão: Sérgio Fernandes

Paginação: PinkDialogues, Lda.

Capa e ilustrações: Laura Almeida Azevedo

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-211-4

Depósito legal: 403219/15

1ª edição: janeiro de 2016

# O PINO

Num tom sério e preocupado, pergunto-te:

— Prometes-me que vais tentar fazer-me sempre sorrir?

Levantas os olhos do jornal.

Ficas sério a olhar para mim e respondes com uma outra pergunta:

— Depende. Fazes o pino comigo, amanhã, na praia?

Sorriso.

# OS SONHOS NUNCA PODEM MORRER

Os sonhos nunca podem morrer, Miguel. Lembra-te sempre disto. Custe aquilo que nos custar, temos de ir sempre à luta. E não é pelos outros que o devemos fazer. É por nós.

Os sonhos até podem meter-nos medo, por serem tão grandes, mas não podemos deixar que nos intimidem. Nunca.

Sabes porquê? Porque fazem toda a diferença na nossa vida. São eles que nos motivam. São eles que nos definem. São eles que nos justificam. Percebes?

E são tudo isto desde que somos pequenos: numa altura em que, na nossa ingenuidade, ainda achávamos ser possível voar sobre as árvores, se o quiséssemos assim muito, muito.

Crescemos com esta ideia luminosa — que temos como tão certa — de que, por mais difíceis que os sonhos sejam, iremos sempre encontrar uma maneira de os realizarmos. De que basta acreditar.

E, caramba, Miguel, às vezes, os sonhos são mais do que difíceis. Parecem até impossíveis.

Mas isto do difícil e do impossível são conceitos que não compreendemos em pequenos. Para nós, não existem impossíveis. Não fazemos ideia de que, às vezes, o simples facto de vivermos um dia após o outro já pode ser algo tão complicado, que exige tanto de nós.

Depois, acontecem coisas ainda mais surpreendentes e que arrancam o fôlego aos nossos sonhos. Quando estamos verdadeiramente confiantes do que queremos e do que estamos dispostos a fazer por isso — por aquilo que nos enche o peito de felicidade —, mandam-nos ao chão.

Tropeçamos nas pernas do mundo. Este mundo que tem inveja de quem sonha, de quem acredita, Miguel. Magoamos os joelhos. Fazemos feridas nas palmas das mãos. Achamos, lá de baixo, sentados no chão duro, que nunca mais nos iremos conseguir levantar. Nunca mais.

E é nessa altura que acreditamos que nem os sonhos dependem de nós. Sentimos, ali, que eles morreram: afogados no sangue da nossa pele e nas lágrimas que tanto nos doem. É nessa altura que dizemos a nós próprios que «os sonhos são apenas sonhos». E, na maior parte das vezes, desistimos — deles e de nós.

Mas os sonhos nunca podem morrer, Miguel. Aconteça o que acontecer, e independentemente daquilo em que a vida nos tentar transformar, os sonhos nunca podem morrer.

Temos de viver a nossa vida com eles no coração: grandes, cheios de vontade, cheios de expectativa, cheios de certezas. E, mesmo quando a vida nos abrir o coração ao meio e nele escarafunchar com dedos longos, que parecem agulhas, temos de resistir.

Aí, na verdade, Miguel, é mesmo quando temos de lutar mais. Com unhas e dentes e seguindo o nosso instinto. Aí é quando temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para nos termos — a nós próprios — de volta e para não permitirmos que



a vida nos leve, outra vez, de nós.

Por isso, quando tivermos de chorar, Miguel, choramos.

Choramos com toda a força que temos. Com toda a raiva. Choramos com as lágrimas cheias de agonia, com os olhos fundos na nossa pele, com os gritos que normalmente mordemos. Choramos encolhidos sobre nós próprios. Estrebuchamos. Damo-nos o direito de sentir espasmos de dor que nos fazem ter vontade de bater em tudo: só para que nos doa mais a dor da batida do que a dor no coração.

E depois? Depois, secamos as lágrimas.

Sim, Miguel. Secamos as lágrimas e não permitimos que elas nos façam sentir ser menos do que os outros. Não deixamos que nos tirem a autoestima. Não deixamos que as lágrimas nos façam sentir fracos. Não deixamos que nos impeçam de ter orgulho em quem somos. Não deixamos.

Porque ser fraco não é chorar, Miguel. Ser fraco não é admitir a dor, nem ter dúvidas, nem precisar de respirar fundo. Ser fraco não é ter medo de falhar, nem de assumir o erro. Ser fraco não é ter medo. Ser fraco é não sentir.

# AGORA

Agarra-me.

Ata-me ao teu beijo. Entrelança-me nas tuas palavras, como se precisasse delas — mais do que nunca — para compreender e aceitar a vida. Encavalita-me nos teus ombros para descobrir um mundo melhor. Impede-me de atropelar o silêncio, disparando palavras ásperas que nunca deveriam ser ditas entre nós.

Segura-me, prende-me, aperta-me contra o teu peito e respira através de mim — mesmo quando a raiva quiser, secretamente, que adormeças a minha voz —, para que nunca te esqueças de que temos de nos colocar sempre no lugar do outro.

Faz-me, então, esquecer o que falhou, o que mudou, o que morreu e recordar apenas o que importa para sermos de novo. Remedeia o que foi feito.

Mostra-me que os dias ainda valem a pena connosco dentro. E que a minha vontade de viver contigo é também a tua vontade

de viveres comigo. Que não importa o que foi. Importa apenas o que ainda pode ser.

[Re]Apaixona-me por ti. Cura-nos. Agora.

Ou sai da minha frente. E deixa-me sair, por esta porta, do já pouco que ainda resta de nós.

# AMAR-TE TANTO

— Qual o maior pecado que cometeste até hoje?

— Amar-te tanto — respondi.

Ficaste a olhar para mim com um sorriso encantador nos olhos e abraçaste-me com uma gargalhada.

— Esse não conta. Esse é dos melhores que pode haver. Diz-me outro.

— O meu maior pecado foi comer três chocolates de seguida.

Durante anos, lutei para que este sentimento não tomasse conta de mim, mesmo quando sentia que esta paixão me levava a oscilar entre extremos.

Extremos violentos e súbitos, que me faziam espernear por dentro e que viravam o mundo inteiro contra mim. Pelo menos, dentro da minha cabeça.

Esta paixão doente, avassaladora, que desconfiava de cada



telefonema, de cada atraso de cinco minutos.

Esta obsessão de te querer sempre perto, sempre meu, cego para o mundo e sôfrego por cada detalhe meu. Apenas meu.

Se não era a Marta, seria a Ana.

As vozes, na minha cabeça, a gritarem-me suposições. As vozes que não me deixavam dormir e que me faziam ficar horas, ao teu lado, na cama, a olhar para ti, para ontem: a medir possibilidades, a refrear emoções. E que me diziam que esta raiva e esta paixão desmedida iriam ainda ser, um dia, o meu fim.

— O meu maior pecado é amar-te tanto.

Hoje, compreendes o tanto que estava por trás destas palavras?

Contigo caído à minha frente, com o teu sangue ainda quente nas minhas mãos, à espera de calar, por fim, as vozes ensurdecedoras na minha cabeça.

Comigo a tentar que as noites sejam, de novo, sono e calma e a querer parar esta doença de não saber ter-te perto.

Comigo a procurar, no teu fim, o fim desta parte de mim. Esta parte que não me deixa ser.

Entendes, agora, como a paixão e o amor podem ser um pecado hediondo que molda para sempre a nossa vida? Que a limita? Que nos derruba, modifica e, irremediavelmente, nos destrói?

Acabou.

Hoje, quero dormir sem vozes. Sem ti.

Sozinha de tudo.

# LINHA FINA

Fico sempre aqui à espera de que voltes, pai.

E a lembrar-me dos passeios que dávamos pelos jardins da vila, enquanto me ensinavas a andar de bicicleta e eu parecia desequilibrar-me de propósito: só para poder olhar para o céu e vê-lo andar depressa, a correr, com as nuvens a dançarem no azul.

Era um tempo em que não tinha preocupações no sono, nem cansaço nas minhas mãos, que queriam desenhar o melhor da vida nas folhas de papel.

Eram rabiscos que diziam mais do que muitas conversas que aprendi a ter em adulta. E os sonos eram lentos, fundos e tinham sorrisos a dançarem nos meus lábios — assim como as nuvens dançam no céu.

Fico, aqui, sempre à espera de que voltes, pai, como se o tempo fosse apenas uma linha fina, sem força suficiente para nos

estrangular a fome do abraço, a sede das palavras e a vontade de ter sonhos que sonhem. Juntos.

Mas o tempo é muito mais do que isso, pai.

O tempo que se perde, quando não se consegue perceber que ele nos está a passar pelos dedos, quando não se consegue compreender que ele nunca mais volta, é um tempo ácido que regurgita de nós e que sufoca a vida.

Eu sei, pai, que aos teus olhos o tempo nunca passa. Que acreditas que teremos sempre todo o tempo do mundo para errar, para esquecer e para lembrar outra vez. E que é por isso que não tens pressa.

Mas o tempo não é assim, pai.

O tempo mata-nos, de verdade.

Mesmo quando continuamos a ter olhos para ver e a ter palavras para dizer e a ter esperança de que a vida seja diferente, um dia — e de que não nos leve de vez, antes do tempo.

E se nos levar, pai?

# UM BOCADINHO DE TI

Há sempre um bocadinho de ti em mim.

Há sempre uma frase tua que me acompanha, durante dias, como se o meu cérebro precisasse dela para ser inteiro. Uma frase com timbre e com entoação que me parece ser dita ao ouvido. Que parece estar dentro da minha cabeça. Que parece até, na maior parte das vezes, ser a minha própria consciência.

Não importa aonde vou, nem com quem estou.

Aonde quer que eu vá, tu estás sempre comigo. Mesmo longe, tu estás sempre comigo. Mesmo acompanhada, tu estás sempre comigo. Haja uma multidão de pessoas à minha volta, ou o silêncio profundo de uma manhã só, estás. E eu levo-te comigo em tudo o que faço.

Também não importa o tempo que passou, nem o que aconteceu entretanto.

Não há nenhum entretanto que roube de mim as memórias

que tenho de nós. Não há nenhum entretanto que me faça esquecer-te. Não há nenhum entretanto que tenha demasiado daquilo que tu me davas — e só tu. Não há nenhum que baste.

A saudade não vive do tempo dos dias. A saudade não vive do sol, nem da chuva. A saudade não tem relógio.

A saudade profunda vive num tempo sem tempo. E não morre só porque o mundo nos escancara as janelas, só porque a vida continua.

Não importa. Nada disto importa perante as saudades que tenho de ti.

Importa apenas que há sempre um bocadinho de ti em mim.